

# Onde você estava?

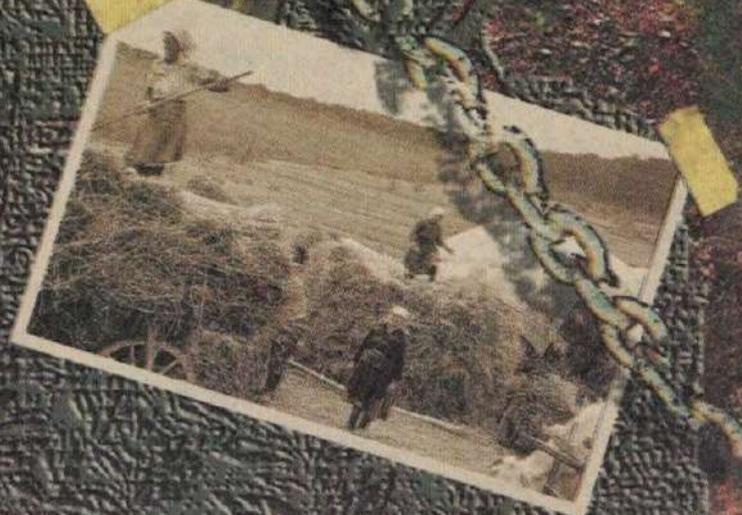
*Faltava algo às gêmeas. Mas quase três décadas se passaram antes que elas soubessem o quê.*

Por RUDOLPH CHELMINSKI

**E**M AGOSTO DE 2000, uma jovem técnica em veterinária chamada Lucretia Enache chegou a uma pequena fazenda do vilarejo romeno de Horgesti. Bateu ao portão e entrou no quintal, a fim de vacinar algumas galinhas. Para sua surpresa, uma grande amiga de sua cidade natal, Sascut, distante 30 quilômetros, surgiu à porta.

---

**Enfim, juntas** – Mioara e Daniela agora são inseparáveis.



– Olá, Mioara! – disse Lucretia. – Eu não sabia que você tinha se mudado de Sascut.

– Meu nome não é Mioara – retrucou a moça. – É Daniela. E eu nunca morei em Sascut.

Desconcertada, Lucretia olhou de novo para a moça: os mesmos olhos castanhos e cabelos alourados de sua amiga Mioara, a mesma pele clara, a mesma boca larga e expressiva, a mesma voz. Apenas o cabelo parecia mais comprido.

– Então você tem uma irmã gêmea? – perguntou Lucretia.

– Tenho – assentiu Daniela. – Mas não é parecida comigo.

Essas palavras deram à jovem veterinária um rasgo de intuição.

– Eu acho que você tem uma irmã gêmea parecida com você – arriscou Lucretia.

Depois, pediu-lhe uma fotografia emprestada.

Intrigada, Daniela lhe deu uma foto colorida em que aparece na casa dos pais, sentada diante de uma tapeçaria, e outra posando com eles. Dois dias depois, Lucretia retornou a Sascut. Sem querer, descobrira a solução de um mistério que atarantava duas famílias havia quase três décadas.

**B**ACAU, na parte oriental da Romênia, é uma cidade industrial de uns 200 mil habitantes, cercada por centenas de pequenos vilarejos e povoados. Foi a um dos hospitais de Bacau que, em

meados de agosto de 1972, chegou uma cigana chamada Lina Enache (sem qualquer ligação com Lucretia) com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina. Os bebês haviam nascido alguns dias antes no posto médico de Sascut, um vilarejo próximo. Entretanto, os recém-nascidos tinham aparência frágil, e uma parteira aconselhou a mulher a levá-los à maternidade do hospital de Bacau.

No fim daquele mês, uma camponesa chamada Maria Nastase tomou um ônibus em sua aldeia, Parincea, rumo a Bacau e, em 2 de setembro, deu à luz duas meninas. Alguns dias depois, estava pronta para voltar para casa. Lina Enache também.

Então, o inexplicável aconteceu. De alguma forma, cada uma das mulheres deixou o hospital com uma menina que pertencia à outra.

Embora todos os recém-nascidos se pareçam, a troca logo se tornou evidente. Em Sascut, o menino dos Enache, Marian, tinha os cabelos escuros, os olhos negros brilhantes e a pele morena do pai, enquanto a menina, batizada de Mioara, tinha pele clara, cabelos louros e olhos castanhos. “Ela não é minha filha”, afirmou Ioan Enache.

Em Parincea, os Nastases deram às filhas os nomes de Daniela e Ana. Daniela era loura, de olhos castanhos e pele clara, mas Ana tinha cabelos escuros, pele morena e olhos negros. “Você me deu uma cigana”, comentou Jenica Nastase com a mulher, num tom entre sério e brincalhão.



**Visão dupla** – Lucretia Enache somou dois mais dois.

Apesar das desconfianças, os pais nada fizeram. As duas famílias eram muito simples e pobres; não possuíam telefone, carro, cavalo ou carroça. Além disso, não era uma boa idéia reclamar – não no regime comunista de Nicolae Ceausescu. Aceitaram sua sina.

**O**S ANOS se passaram. Daniela e Ana Nasta-se não apenas eram diferentes fisicamente como suas personalidades eram quase opostas. Daniela era reservada, quieta, obediente e trabalhadora, e sempre terminava suas tarefas na hora certa. Ana era falante, risonha e adorava se enfeitar, pregar peças nos outros e flertar

com rapazes. O pai a chamava de preguiçosa, mas era sua favorita, por ser muito divertida.

Apesar de tudo, as duas meninas tiveram uma infância feliz em Parincea, embora a vida na pequena fazenda de dois hectares fosse modesta. Elas se davam bem, amavam os pais e uma à outra.

A vida de Mioara Enache não foi tão feliz. Em uma família de sete filhos, não se parecia com os outros nem se sentia como eles, e os pais constantemente a chamavam de “húngara” ou “católica”, palavras-código para pessoas que não eram ciganas.

Aos 8 anos deixou Sascut, quando os pais a mandaram para um colégio interno mantido pelo Estado, destinado a crianças carentes. Lá permaneceu até os 16 anos, sem nunca ir para casa nos fins de semana ou feriados. Quando voltou a Sascut, foi trabalhar nos campos.

Silenciosa, reservada e obediente – exatamente como Daniela, sua verdadeira irmã gêmea –, Mioara caminhava para o trabalho calçando botas plásticas cheias de furos. Os habitantes do povoado a admiravam. Era uma menina boa e trabalhadora, todos concordavam, mas era diferente dos irmãos. Isso era estranho.

Pouco depois de completar 20 anos, Mioara casou-se com um jovem fazendeiro, Dumitru Vasile, e mudou-se para uma pequena casa alugada. Marian, seu suposto irmão gêmeo, continuou solteiro.

A 30 quilômetros dali, as meninas

da família Nastase também se casaram com fazendeiros – Ana permaneceu em Parincea, ao passo que Daniela se mudou para o vilarejo vizinho de Horgesti.

E a história provavelmente terminaria aqui se Lucretia, amiga de Mioara, não tivesse saído de Sascut para estudar veterinária, não tivesse sido transferida para Horgesti e não tivesse ido à casa de Daniela vacinar galinhas.

**Q**UANDO desceu do ônibus em Sascut, Lucretia foi ver Mioara.

– Tenho uma surpresa para você – disse.

Entraram na pequena casa e Lucretia pôs as fotos em cima da cama. Era essa a surpresa? Não parecia muito emocionante.

– Estou no retrato, mas não me lembro de quando o tirei – disse Mioara, confusa. – Quem lhe deu essa foto?

Lucretia olhou fixamente para ela.

– Não é você – explicou. – Acho que é sua irmã. – Mostrou-lhe então a outra fotografia. – E esses são seu pai e sua mãe.

O mesmo choque de reconhecimento que tomara Lucretia atingiu Mioara. De repente, ela se sentiu sufocada pelo peso que levava dentro de si durante tantos anos.

– Por favor, leve-me com você a Horgesti – implorou a Lucretia.

Um pouco mais tarde, as duas amigas conseguiram uma carona e depois subiram a pé pela íngreme

estrada de terra que levava à casa de Daniela. “Fique aqui, atrás do portão”, Lucretia instruiu Mioara.

Daniela não havia acreditado totalmente na história de Lucretia sobre a irmã gêmea. De qualquer forma, vestira-se bem para a ocasião, com sua melhor blusa, cor de malva, com um bordado elegante na gola e um grande botão prateado no centro.

Agora, Lucretia estava à sua porta e a conduzia ao jardim. Daniela ficou paralisada quando a amiga abriu o portão, revelando Mioara do outro lado.

Durante alguns segundos, as duas jovens ficaram paradas sem nada dizer, olhando uma para a outra, como que diante de um espelho. Em seguida, caíram em prantos e se abraçaram. “Irmãzinha”, chorava Mioara, “onde você estava escondida durante toda a minha vida?”

Voltaram depressa para dentro de casa, falando sem parar. Só então Mioara percebeu que Daniela vestia uma blusa igual à que trouxera na bolsa para o caso de precisar se trocar. Era cor de malva, com a gola bordada e um botão prateado. “Visita a blusa, para ficarmos iguais”, pediu Daniela. Elas, porém, já eram idênticas.

Pelo resto daquele dia, durante a noite e no dia seguinte, alternando tristeza e alegria, risos e lágrimas, abraçando-se, as duas irmãs contaram uma à outra suas histórias.

Descobriram que eram ambas canhotas. Tinham os mesmos peque-

nos tiques e gestos, a mesma voz e a mesma cor de cabelo, um castanho-claro avermelhado que substituíra os cachos louros da infância. Ambas tinham dois filhos: duas meninas de Mioara e um casal de Daniela.

No entanto, alguns sinais da infância mais difícil de Mioara eram visíveis – ela era ten-

sa e um pouco mais magra do que a irmã. Fora isso, a única diferença que puderam identificar era o gosto para pães: Mioara preferia um tipo mais caro. (Gêmeos separados ao nascer fascinam os cientistas que pesquisam a essência da natureza humana – somos formados principalmente pelos genes que herdamos ou o meio tem maior influência sobre quem somos? Mioara e Daniela parecem representar um forte argumento a favor do determinismo genético.)

No dia seguinte, Mioara e Daniela pegaram uma carona até Parincea para ver o casal Nastase. A novidade já era conhecida e, assim que viu Mioara, Ana soube que Daniela encontrara a irmã verdadeira. E ela, então, quem era?

“Não fique triste, Ana”, consolou-a Mioara com um abraço. “Você tem um irmão de verdade em Sascut.”



**Semelhanças e diferenças** – Marian e Ana têm personalidades opostas, mas são muito parecidos.

No dia seguinte, em Sascut, Ioan Enache abraçou Ana, a filha que nunca conhecera. “Você se parece muito com Lina”, comentou, num tom abafado. Lina, sua mulher, morrera de hemorragia cerebral em janeiro daquele ano.

Quando Marian chegou, uma olhada de relance em seu rosto moreno provou a Ana, sem sombra de dúvida, que se tratava de seu sangue. Depois, irmão e irmã se abraçaram.

Eles eram gêmeos, mas, ao contrário de Daniela e Mioara, Ana e Marian não eram idênticos, nem em aparência nem em personalidade. Ana se divertia em observar como sua natureza tagarela e extrovertida contrastava totalmente com o jeito taciturno e tímido de Marian. Não importava. Ela falava pelos dois.

**O**S GÊMEOS e as famílias ainda estão se acostumando às novas identidades. Mioara assumiu sua ascendência e se considera parte da família Nastase, e não da Enache. Ela e Daniela são inseparáveis, tanto que Mioara e o marido se mudaram para Horgesti, a fim de que ela ficasse perto da irmã adorada.

Quanto a Ana, a resposta não é tão simples. Quando lhe perguntei se sentia que agora tinha duas famílias, ela balançou a cabeça tristemente. “Não”, respondeu. “Sinto que apenas os Nastases são a minha família. Eles cuidaram de mim.” A relação com Marian, o gêmeo verdadeiro, é próxima e amigável, mas não é marcada pela intimidade do amor fraternal que existe entre Daniela e Mioara.

Restam dois enigmas: como houve a troca de bebês e por que os pais não voltaram ao hospital quando ficou claro que havia um engano?

Na maternidade do hospital de Bacau, médicos e enfermeiras são enfáticos ao negar que uma criança possa ter recebido uma identificação trocada. “Impossível!”, exclama uma das enfermeiras da obstetrícia, descrevendo o minucioso procedimento de identificação do hospital.

Ela sugeriu um canal de erro: o salão de saída da maternidade onde

as mães trocam a camisola do hospital por roupas normais. Há lugares para os bebês na sala e existe a possibilidade de que, ao sair, Lina Enache e Maria Nastase simplesmente tenham apanhado os bebês errados. “Como pegar a mala errada em um aeroporto movimentado”, comparou a enfermeira.

Por que, então, os pais não fizeram nada? Todos os envolvidos falam da desesperança daquela época.

“Tinha ocorrido uma terrível inundação, e havíamos perdido nossa casa”, contou-me Jenica Nastase. “Éramos pobres e não tínhamos tempo para nos preocupar com a criança. Sabíamos que as gêmeas eram diferentes, mas o que podíamos fazer?”

Ioan Enache oferece uma explicação mais sombria: “Tínhamos medo de que nos tirassem a criança se reclamássemos”, explica.

Será que Lucretia agiu bem ao reunir as verdadeiras gêmeas, depois de tanto tempo de separação? Daniela é quem responde melhor a essa pergunta.

“Toda a minha vida tive a sensação de que algo me faltava”, diz. “Não era amor, não era um marido, mas alguma parte da vida que eu não conhecia. Hoje sei o que era, e a sensação desapareceu. Agora estou completa.”

---

Eis a beleza da literatura: eu perco uma vaca, escrevo sobre a sua morte e ganho dinheiro bastante para comprar outra vaca.

—JULES RENARD, *Canadá*